

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — ABRIL DE 1873 — N.º 1

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1 8 7 3

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL

REVISTA MENSAL





Lith. Impr. E. Widemann.

MANOEL JOSÉ DA SILVA BASTOS.

ESBOÇO BIOGRAPHICO ✕

MANOEL JOSÉ DA SILVA BASTOS

I

Uma provincia, como a nossa, onde tem-se representado as grandes tragedias do paiz, onde a charrua da guerra e da revolução não esqueceu talvez de rotear nem o exiguo capão perdido na savana; onde portanto o remanso da vida social é apenas ephemero, não podia tambem o theatro deixar de produzir fructos, embora extemporaneos.

O Rio Grande do Sul considerado geographica e politicamente constitue um amplo scenario aberto a grandes commettimentos, quer nacionaes, quer estrangeiros. No passado enche com seus memoraveis dipticos a historia brasileira, desde o momento que os primeiros bandeirantes vierão exploral-o: no presente, longanimo e generoso despreza os insultos que *aulicos e escribas do rei* atirão á sua abnegação, bravura e virtudes patrioticas; no futuro, quando a cochilha tornar-se um pharo de progresso, e o vargado inflorescer de tendas da civilisação, ninguem lembrar-se-ha d'um celebre discurso do Sr. Dr. Macedo, nem das calumnias do jornal palaciano *A Nação*.

E' o theatro o representativo de epochas convulsionadas, quando o homem se revolve nas grandes paixões que ou o atirão a abyssos de desespero que o absorvem, ou o elevão a um fastigio brilhante. Exprime a reacção, a luta energica de nobres corações. A alma agitada apêga-se ao idêal que é necessario á sua existencia, como a flôr á arvore até fructificar.

A ecloga e o idyllo enterrarão-se com os tempos de costumes puros e innocentes, de bonança édenica; o épico com o seu mundo olympico, abóbada grandiosa sustentada nas columnas da crença profunda, e dos sublimes sentimentos que divinisão a humanidade, aluio, esboroou, veio por terra; dos esplendores magicos, da grandeza primitiva, resta o homem, argamassa de terra e céos, consequentemente o periodo dramatico, divisão historica de qualquer nacionalidade que attingio certo e determinado grão de aperfeiçoamento. Em suas origens participa o theatro ainda do elemento descommunal e maravilhoso das odysseas, bem como em seus pathosismos encumbra por todos os poros o espirito acrimonioso e corrosivo da satyra, que vem tomar o lugar que lhe compete na circuição dos seculos. Assim Amphião e Orphêo tinhão a natureza que se animava para vir escutal-os; Thamiris e Homero a patria e o empyreo que vazarão no molde de seus poemas immortaes; Eschylo, Sophocles, Euripede, Aristophano e Menandro a entidade humana na adolescência tempestuosa das paixões.

II

No Rio Grande entre os talentos, que prematuramente surgirão resalta o de Manoel José da Silva Bastos. Se não adquirio as proporções dos maiores genios modernos, se não rodeia-se da auréola de Corneille, Shakspeare, Vega e Schiller, apênas é devido ás circumstancias que physica e moralmente o inhabilitarão.

Assim é a gloria! Bôlha que se forma no effervescer d'uma vaga e n'um instante após se desfaz no estendal das praias ou d'engontro á lava erguida! Ambicionado thesouro que Jazons ousados perseguem sem repouso, e quando pensão tel-o alcançado, ou desaparecem nas voragens d'um naufragio, ou encetão o primeiro passo n'uma romaria de infortunio sem nome!

Miserrima gloria humana que nem vale uma particula do esforço empregado!

Basta pensar a que contingencias se sujeita, para sentir-lhe toda a fragilidade. Basta de golpe lançar um olhar meditativo

sobre o que seja o átomo que habitamos, e nos enche de fatuo orgulho, comparal-o com as outras creações do Universo, estudar as leis geraes que o regem, e, como mais dia, menos dia, não é impossivel um cataclysmo que borrixe o espaço de fragmentos, como a sciencia o suppõe dos asteroides; basta isto para apreciar-a com justeza. De que servirão então as tão preconisadas immortalidades, os immarcessiveis louros, os trabalhos accumulados em tantos seculos?

O que são ainda Homero, os reis de Roma, Ossian, e tantos outros?

Serão meras synthezes ou personalidades reaes?

Existirão de facto ou consubstanciação uma epocha?

Wolf, Niebuhr, Michelet, Creuzer, Macpherson calunnião a historia ou reivindicão seus direitos conculcados?

Ha prós e contras, e na obscuridade dos tempos a luz não se faz, e a gloria é um pueril jangalamaste, uma mentira tradicional, até uma usurpação cruel. Assim, quem imprimio o cunho da idealidade no grupo de Laocoonte? Agezandro ou Lysippo? Quem descobriu o aerostato? Gúsmão ou Montgolfier? Quem deve ter a primazia na descoberta da gravitação? Newton ou Hooke? Na da decomposição da luz? Newton ou Hodierna? Na do calculo infinitesimal? Newton ou Leibnitz?

Encaremos por outra face.

Camões seria Camões, se no naufragio não salvasse os Iuziadas? Não entretanto, se percesse, outro estaria gozando dos fóros que lhe competião. E no proprio Portugal, em cada geração, quantos engenhos quem sabe superiores a Camões não feneceirão e feneecem em profissões, mistéres e artes differentes das para que forão talhados?

Eis a gloria em multiplas phases!

O erro, a injustiça escripta por toda a parte desde as ruinas de Karnak ás de Palenque, da patria do legendario Odin até a desoladora Patagonia!

A's vezes um acontecimento, simples effeito de dinamica social, ergue um homem, que d'outro modo finar-se-hia obscuro ou com o ferrete da ignominia sobre a fronte.

Aristogiton necessita de Hiparco, o Nazareno da decadencia e corrupção do imperio de Roma, Mirabeau da revolução franceza.

Quantas difficuldades, contradicções para perpetuamento além do tumulo?!

Quantas circumstancias e condições?!

Não é só sufficiente um lobulo cerebral que não intercepte a irradiação da intelligencia, é ainda necessario uma vida continuada até o sazonar com cultivo idoneo a sua vocação peculiar e occasião que facilite seu desenvolvimento.

Eis porque aventuramos dizer que Bastos, se preenchesse o cyclo de sua existencia e encontrasse campo para operar, teria grangeado renome igual ao dos maiores genios dramaticos. O que não será difficil de pensar, depois de o termos acompanhado e apreciado em sua curta passagem sobre a terra.

III

A cidade do Rio Grande situada n'uma estreita península que confina com o Atlantico e o canal, desaguadoiro das duas grandes bacias da provincia, não exhibe senão um merencorio panorama, á primeira vista. O viajor que chega no pino do dia, quando as úscoas do sol refrangidas no crystal das aguas e reflectidas dos alvos cômoros duplicão a intensidade das scintillações, sente os olhos e o pensamento exhaurir-se e soffrer n'uma atmosphera de tanta luz. Não encontra lenitivo em torno a si. N'aquella localidade ou falta o esmeraldino que revestem varzeas e cordilheiras em gradações imperceptiveis e vario matiz, ou a côr sombria das rochas que topetão com os céos; pois são as duas attenuantes aos raios vividos que deslumbrão. Não ha nem a natureza cyclopea e magestica da bahia de Guanabara, nem as formas gracis e cheias de donaire das margens do Gualhyba. Ha contudo uma sorte de belleza que não faz o espirito alar para os seios do infinito, nem a scisma librar-se em sonhos roseos; belleza, que participa da mysteriosa solidão dos mares e da melancolica expressão dos desertos, que confrange o coração ou dobra a fronte n'um véo de tristezas.

O Rio Grande ao meio dia — é uma illuminação que incommoda e fatiga; ao luar, quando o oceano muge ao longe e as médas do arcial branquejão, é um êrmo em que habita a saudade; sob as azas do pampeiro — é uma scena do Sahara.

Ao primeiro lance d'olhos sua perspectiva afflije. Talvez d'ahi venhão as prevenções que temos ouvido contra elle, chegando á amplitude d'um prejuizo de maneira alguma justificavel, desde que vai até negar certo grão de intelligencia em seus filhos.

Nas provincias do norte, não admittem no Rio Grande do Sul senão talentos militares, desconhecendo que toda a vitalidade e vigor de pensamento, que devião ser empregados em outros ramos da sciencia humana, são absorvidos na vida dos acampamentos, no estudo da tactica e estrategia, nas lides marciaes. Entre nós mesmos a respeito da cidade do Rio Grande, corre a opinião que aquella natureza só é capaz de produzir e alentar homens de trato

E' uma iniquidade e um absurdo. Ainda não forão traçados os limites que circumscrevem a patria do genio; nem sel-o-hão jamais.

Identico preconceito infelizmente tem lugar em paizes que occupão os pontos culminantes do mundo civilisado.

Limoges em França é a pobre victima.

O Pantagruel de Rabelais em seus gracejos e o Pourceaugnac de Molière na personagem attestão-n'o em vivos caracteres litterarios, apesar do nobre protesto de Scribe em Rouffignac.

No entretanto Limoges tem-lhe fornecido grande cabedal de notabilidades desde o sabio Dorat até o chefe dos girondinos Vergniaud. Em epocha que a França mergulhava-se na barbaria do feudalismo, Limoges não era só berço da lingua provençal, como tinha em um de seus filhos Bertram de Born um dos mais bellos luzeiros da poesia da idade-média.

Com taes fóros de antiguidade e nobreza não parecia impossivel o poder dos prejuizos?

• Todavia verificou-se e ser limosino é ainda hoje bem triste recommendação em França.

E' o que tambem já vai acontecendo entre nós.

IV

Para dar um desmentido á opinião que grassa, a 12 de Abril de 1825 nasceu no Rio Grande Manoel José da Silva Bastos, do consorcio de Manoel José da Silva Bastos e Firmina Soares de Lima.

Quem lançar uma vista retrospectiva para o estado da instrucção d'aquelles tempos, quem dêr-se ao trabalho de comparal-o com o ainda tão imperfeito e mal dirigido em nossos dias, quer pela incapacidade do pessoal empregado, quer pela crassa e supina ignorancia dos administradores de provincia, poderá facilmente conceber que estudos fez Bastos e como sahio do collegio. Nem se lhe podia talvez chamar uma tintura da lingua portugueza. E mais nada; porque se o curso elementar actualmente é pobre, estreito, de resultados negativos, o que não era então, quando a celebrada santa ferula era o principal artigo do programma!

Bastos sahio da aula pouco mais ou menos como o homem primitivo.

Aos 17 annos, como quasi sempre acontece, seguiu a profissão paterna, entregou-se ao commercio. Ahi, de certo, no meio das occupações impreteriveis d'uma vida activa e laboriosa sentio

elle os primeiros reclamos da vocação, o peito entumescer-se a estranho sentimento que desnuava-se a seus olhos; ali nas noites da adolescencia, esquecendo o livro de debito e credito e as fórmulas seccas do algarismo, pela mente encandecida passava-lhe por ventura aquellas fataes palavras de Santo Agostinho: « *Tolle et lege,* » que fizerão de George Sand um dos proeminentes escriptores da França.

Levantava-se e lia.

E a cada pagina que soffrogo devassava, mais ardente percorria o mundo ignorado das lettras, mais pungia-lhe no seio o desejo que um dia havia de transformar sua existencia.

O Rio Grande do Sul desde 1835 representava nos campos natalicios a tragedia gloriosa de nossas décadas e imprimia na fronte de cada soldado rio-grandense o cunho varonil, altivo e nobre que ainda agora distingue os ultimos e esparsos restos da geração passada. Bastos, posto que fadado para o clima bonancoso das lettras, amava entre outros assumptos de suas leituras o drama, portanto a Revolução, — o drama em acção, o drama de indigetes, devia absorvel-o. agital-o de phrenetico entusiasmo. Tambem, já aos 15 annos vamos encontral-o de arma em punho, a 16 de Julho de 1840, na tomada de S. José do Norte.

Mas entre o estrepito da guerra, seus labores diarios e sonhos de gloria, alma de poeta e artista, coração que viçava aos vinte annos exuberante de sentimento e robustez, seria difficil de crêr-se que a mulher fosse esquecida e não lhe apparecesse como a necessaria consocia, como o anjo tutelar que o impellia ás grandes lutas, a origem de amor casto e divino, onde nas angustias e desanimo ia retemperar as forças exauridas.

Amou bem cedo e em 4 de Abril de 1845 esposava Joaquina Martins da Silveira.

V

Em 1850 após muitos annos de lutas, suas tendencias naturaes levarão tudo de vencida. O commercio, profissão de seu pai, sendo incompativel com as lettras, divorciou-se d'elle a tempo de dar fructos na esphera de sua vocação, na orbita em que seu genio podia ser util á patria. Já adquirira então o que os bancos escolasticos e as explanações d'um sabio professor não conseguirião nunca: a sciencia da lingua, ainda sem profundos toques, mas bebida no estndo e muitas vezes intuitivamente adquirida, e a sciencia empyrica do mundo. As quatro paredes d'um gabinete

te e a luz pallida da candeia constituem os dois poderosos elementos, os unicos e verdadeiros, dos grandes homens. De tão simples laboratorio tem sabido todas as verdades, todos os inventos e descobertas. Nesta estreita área é que rompem-se os dilatados horizontes do firmamento, e a terra descobre os seios, abre as visceras ao olhar pertinaz e avido dos augures sublimes que querem pronunciar novos oráculos aos povos. A escola bosqueja, o gabinete enche, amplia, corrige e acaba; uma é como o marmore que traz apenas os delinamentos, o outro é a obra, o trabalho que para ter valia foi mister desbastal-o, fazer-lhe os contornos, imprimir-lhe o sello da belleza em concepção, corrigil-o em ultimos retoques, limal-o para extinguir asperezas que deixara o cinzel e polil-o finalmente. A intelligencia para produzir necessita de idénticas vicissitudes, da mesma série de processos e phases. D'outro modo não passará do embrião estacionario.

Assim, quando Bastos consagrou-se inteiramente a empresas dramaticas, tinha percorrido em grande parte o circulo de taes condições. E a prova legou-nos elle nas suas obras, prova irrecusavel, e, em nossa humilde opinião, a verdadeiramente legitima e a com que os seculos não entram. Engenhos que não traduzem-se no livro ou em outra fórma duradoura do pensamento, assemelham-se á figueira do Evangelho; morrão e séquem, desde que não fructificão.

As mais importantes companhias trazidas á provincia foram organisadas por elle. Foi quem trouxe successivamente a nossas plagas Florindo, Joaquim Augusto e João Caetano em 1854.

Dos habitos que contrahira na vida commercial ficou-lhe aquella presteza de acção e movimentos que lhe foi tão util e necessaria posteriormente. Ao mesmo tempo que dirigia as empresas referidas, que de per si bastarião para occupal-o, preenchia habilmente a falta de scenographos, actores e punha sobretudo em resalto sua multiplicidade, como escriptor dramatico. O theatro *Sete de Setembro* no Rio Grande, antes de ser restaurado pelo pincel de Grasseli, não conhecia outra pintura senão a feita por Bastos. Porém, são as laureas de autor que lhe cingem a memoria.

De algumas de suas obras poderiamos aventurar, pelas reminiscencias da infancia, ligeiro juizo, mas são guia demais fraco para dirigir-nos através o oceano da critica, sem medo de errar.

São muitas, e, excepto talvez *O tribunal secreto* cujo assumpto tirado d'uma novella estrangeira se acha ainda assim desfigurado do original, bazeão-se todas em factos brasileiros. *O testamento falso* e *O louco do Ceará* foram inspirados dos fastos de nossa vida social.

Cultivou com felicidade os dois generos: drama e comedia.

Do primeiro, além dos já mencionados, citaremos mais: *Os brilhantes de minha mulher*, *O bravo de Cáceres*, *A madrasta*, *Os homens de honra*, etc.

Do ultimo: *Os dois gêmeos*, *Quem pensa, não casa* (proverbio), *O soldado Martinho*, etc.

Ignoramos a ordem chronologica que presidio a semelhantes trabalhos, pois todos, excepção feita do *Tribunal secreto*, existem ineditos, deteriorando-se ás lufadas do tempo.

A cidade do Rio Grande que se avantajava sempre em actos patrioticos, podia sem grande sacrificio subscrever-se para a impressão do theatro do filho que tanto amou-a, pagando uma divida de gratidão e homenagem, e simultaneamente dando um exemplo digno de ser imitado por suas irmãs do Sul.

VI

Mal transpunha o periodo, em que a razão, debellando os ultimos nevoeiros, ia fazer o sol das grandes e profundas verdades doirar-lhe na frente o diadema da gloria, e esclarecer-lhe as veredas da immortalidade, quando implacavel espectro surgiu á soleira do lar.

Como o adversario de Jacob em Phanuel, para desfazer-se do intrepido combatente, tocou-o.

E elle sorprendido no meio de seus triumphos, prologo luminoso das conquistas futuras, cahio por terra a debater-se contra a fatalidade.

Dôr sem nome, extremas agonias, para as quaes não ha verbo expressivo e correspondente em linguagem humana, o retiverão no leito em poucos dias que forão longos seculos de martyrio.

O desespero, dizem, inspirou-lhe uma poesia que é o mais eloquente brado contra o destino que lhe preparára momentos tão acerbos.

No dia 15 de Novembro de 1861 a cidade do Rio Grande curvava a frente sobre o tumulto que encerrava um dos seus distinctos filhos tombado em toda a força e energia da vida e do talento.

.....
Abraçada ao cippo funerario, chorava a pobre mãe... chorava!

PHANTASIAS

VOZES A ESMO †

Ella é triste e pensativa como uma noite sem estrellas, como céu sombrio e melancolico em que correm nuvens enlutadas como bandos de anuns que esvoação; assim enchameão no espaço de sua alma os pezares, negros como borboletas de agoiro.

E ella pende sobre a mão pallida e fria a cabeça melancolica, enquanto a imaginação tressúa fluetuando á tôa sobre as correntezas do bravio mar, em que estorecendo-se, agonisão suas esperanças arrebatadas!...

Não te afflijas, Mimi! crê no Deus piedoso e bemfazejo que ha de um dia reviver a seus sopros de felicidade a emmurchecida grinalda de tuas illusões semi-extinctas, e mudar a lagrima que de teus olhos borbulha, no hymno de alegria que um sorriso de prazer encerra. Crê no Deus Reparador que em paga de um lustro de torturas nos dá um mez de felicidades!... crê, e espera...

*
*
*

Oh! quanto é bello o despontar do dia no sertão! n'essas ho-

ras em que as sombras derradeiras da noite se esgarçam, oscillantes e fugitivas como os lampejos ultimos de cirios que velão um esquite nas trevas... n'essa hora em que pairão os crepusculos como bandos de garças que agitam as azas para alçar o vôo, sobre o collo tépido da terra mal desperta... n'essa hora em que quizera (esenta-me Deus!) ter sobre meu hombro tua cabeça adorada e sentir enlaçado ao meu pescoço o teu braço nu, torneado e roliço, macio como um affago... o teu braço branco e transparente em que lateja na veiasinha que o matisa uma alma voluptuosa e travessa... o teu braço!... porção adoravel de amor em que minh'alma augeia a estrebuchar!

*
*
*

Ai! douradas chiméras de minha alma, multicôres phalenas errantes que esvoaçais... doudos pirilampos azulados! flôres dos céos, estrellas da terra, que rides de meus sonhos! continuai, continuai em enchames a travessear nos arcs, que minha imaginação vos acompanha em ancias o leve giro a doudejar no espaço!

Que de delicias n'esse sertão sem bulha! A rêde á sombra dos umbús ornada no molle vai-vem balanceado, a que gosos vapôrosos não convida! que feliz eu não seria sentindo junto ao meu o teu coração bater!...

Vozes mysteriosas do ermo! leves murmurios dos matos sombrios, sons semi-esvaidos das campinas que ao infinito se desfraldão, echos todos dos céos! fallai, fallai baixinho... que eu vos ouço as queixas, vos entendo as confidencias; sei que amais, que amando gozais... Fallai, fallai baixinho!... que eu quero embriagar-me de harmonias, e ébrio, extasiado fruir os gozos idéaes!...

*
*
*

Sonha Mimi! sonha comigo...

Vamos, reclina-te sobre mim. As estrellas começam a polular nos céos, luminosas no azul setineo, como teus olhos scintillantes rebrilham n'esse rosto amorenado.

Admira no manto transparente da noite as luzes que scintillão... Que divina formosura!... Olha, meu anjo! olha meu anjo!... deixa inundar-me em luz. Feridos por esses raios teus

olhos brilham mais, e meus olhos chocados por teus olhares desmaião e cahem em deliquiões divinaes.

Recosta-te Mimi, recosta-te mais sobre mim! Não te arrufes, não te arrufes, foi insensivelmente que meus labios quentes sobre os teus roçarão. Que céu tão azul e tão sereno a dilatar-se sobre nossas cabeças! que palacios encantados de maravilhosos labores n'esses jardins sideraes, alçao as cupulas diamantinas de estrellas cravejadas por traz das nuvens auri-rosadas da noite. Oh! quanto mysterio não se esconde ali! quanto angelical amor gozado ao som das auras a embalam-se nas nevoas illuminadas pelos raios das espheras! A lua brilhante como um globo de gaz incendiado, ergue atufada em nuvens inconsuteis o disco d'ouro, aclarando as nevoas que nos páramos divinos se embalão, como a lampada ideal d'essas regiões phantasticas, e mais para cá o cinto de Venns estendido no auri-prateado chão da eternidade nos ensina o caminho do empyrio.

Vamos; cobre-te de flôres. Enlaça na trança negra e opulenta uma rosa ideal, nivea e transparente e magnifica como um sonho! . . . Seja uma *Espuma do mar*. Que o *leão dos combates*, que o *gigante das batalhas*, que a *rainha das violetas*, presas á teus cabellos divinos, languidos e lascivos brinquem roçando sobre teu collo.

* * *

Lancemo-nos agora ás nuvens.

Que de murmuriões suaves a ondular em nas cópas tremulas da mataria; que de vozes ignotas no ambiente; que de sons inebriantes no vacuo infindo! A terra debaixo de nossos pés treme e oscilla e a vista commovida sente a trepidação doce do mundo em movimento. Brotão do ether puro as flôres, louras como resacas de sol e o céu reveste-se de magnificencias eternaes. Lá devemos, meu anjo, na luz que desponta banhar-nos como as nevoas gentis da manhã nas primeiras ondas celestes; lá quero que resvale nas cascatas louras a fimbria de teu vestido branco, como da aperolada maretta da lagôa resvala na flôr a pontinha da aza setinosa da irerê.

Vamos, meu anjo. Acompanha-me ao paiz das chiméras; sólta as velas ao batel de tua alma, para que mauso deslize desfiando perolas sobre as limpidas ondas dos lagos da phantasia.

As capororócas idéaes alçao o collo longo e garboso espancando-se sobre as aguas orladas das flôres de espuma, á borda do

batel desabrochadas, e as harmonias divinas fluctuão na ramagem verde-brilhante dos jardins phantasticos.

Vamos, meu anjo, dormir á sombra do maricá em flôr. O sabiá canta pousado no leque do butiá, e o frouxo queixume das brisas cicía nas moutadas de camboim.

Esqueçamos por um momento o mundo. N'esse momento curto vivamos a vida do espirito; a alma precisa boiar no amplo mar dos devaneios, d'onde surge mais forte e mais pujante para os embates da existencia sombria, voltando á realidade rica de fruições divinas e magicas impressões, colhidas nas cristalinas grutas do paiz dos sonhos como no fundo do mar as perolas.

Fita teus olhos negros e profundos n'esses anilados céos em que as estrellas despontão! Olha quanta scintillação fulgente marcheta a cupula transparente dos espaços! Olha... enquanto eu olho o teu rosto, meu carmineo céo, em que scintillão teus olhos, estrellas de meu amor!...

*
* *

Que depois de acompanhar curiosa este zig-zag da imaginação desvairada em loucas aspirações, tenhas tido um momento de distracção e um minuto de calma, recalçadas as dôres no fundo do coração, como no fundo da taça transparente as fêzes amargas do delicioso liquido, — é n'este momento o meu unico e maior desejo.

Jatyr.

GIOVANNI

Não escarneção da pobre creança desprotegida, que um dia abandonou a patria e veio com o seu instrumento ao braço pedir o pão para matar a fome que o devora, em troca de algumas árias, que aprendeu não sabe como . . .

Lá na Italia, sob aquelle céo encantado, n'aquella athmosphera saturada de suavissimos perfumes e illuminada por dois vulcões, quem não sente desde o berço o fogo da inspiração aquecer a fronte loura da creança, que um dia ha de animar o marmore como a chamma divina a estatua de Prometheu. ou dar ás cordas de um instrumento as vozes, as afflicções, e os gemidos do coração humano?! . . .

Cada povo tem a sua indole. A Italia como visinha herdou o genio artistico da Grecia antiga. Outr'ora os poetas ião á Athenas para admirar o templo de Jupiter Olympico, o theatro de Baccho, o Pecilo, a Venus de Phydias, e as telas sublimes de Apelles e de Zeuxis; hoje a peregrinação dos artistas não é mais para Athenas.

As scenas mudarão-se. O tempo empunhando a clava pesada da destruição, deixou em ruinas todas as grandezas da cidade helena.

Roma do Pio IX transformou-se na Athenas de Pericles.

Agora a Italia é o berço das artes.

A creança n'aquelle ambiente de harmonias, mal o espirito

vai se desenvolvendo, busca um instrumento e só n'elle confiado atira-se ás ondas do oceano em demanda de novos horisontes.

Seu amigo, a companheira da sua desgraça, de suas raagoas nas horas de desalento é a pobre rabeça que elle empunha ao braço inexperiente e faz soluçar suas cordas, quando gemem as fibras do coração, ao attrito das lagrimas do infortunio.

Perguntai por sua mãe, elle perdeu-a não sabe quando...

Mendigo dos affectos maternos, creou-se e creceu no meio das praças, no adro dos templos e nas portas dos theatros, — a sua escola, onde aprendeu de ouvido um pedaço ou outro da Lucia da Norma, e do Il bacio.

Não insulteis portanto a desgraça, zombando do meio de vida que o infeliz buscou sentindo o abutre da miseria aniquillando-lhe as forças!...

O seu meio de vida é a expressão incontorversa do abandono da orphandade indigente!

Não escarneção, pois, da creança expatriada, quando ella passar por vossa porta roçando o arco sobre as cordas sensiveis do instrumento, e com a fronte asselada de angustias!...

E vós anjes de Deus que roçaes as azas crystalinas franjadas d'oiro sobre a face da terra, animai com um sorriso de vossos labios o filho do desamparo.

* * *

Giovauni é uma d'essas infelizes creaturas... Nasceu em Venecza, filho talvez do crime; cresceu ali correndo sobre a ponte do Rialto, dormindo debaixo das arcadas de S. Marcos e nutrindo-se das migalhas atiradas á rua das janellas dos soberbos palacios erguidos pela mão da nobreza poderosa e opulenta, hoje arrastado tristemente pelo declive escorregadiço da decadencia.

Esta vida assim tão miseravel e desprendida de affeições deveria um dia acabar.

Uma vez ao cahir da tarde, quando ainda os ultimos lampejos do astro do dia franjavão d'oiro o poente horisonte, e o toque das trindades da Madona dell'Orto em tristes modulações se perdião na immensidade dos espaços, Giovanni pendeu a fronte scismadora sobre o seio, e entre os negros cilios brilharão duas perolas de pranto como entre as petalas de uma flôr brilhão as lagrimas da noite aos raios das alvoradas.

N'aquelle momento solemne de melancolico recolhimento, em que a alma inteira se concentra em si mesmo, uma idéa passou

rapida e luminosa pelo seu céu denegrido, como em noite de caligens a luz de um relampago.

Deixar Veneza e vir para a America foi a idéa que seu espirito affagou n'aquelle momento de tristeza.

Dias depois aquelle coração, que despertava cheio de vida ás auras da adolescencia, porém envelhecido cedo nas asperzas do mundo, confia a sua sorte, o seu futuro á immensidade dos mares.

Com os olhos razos de lagrimas elle deixa a patria, como o bom filho que abandona o lar da infancia para nunca mais tornal-o a vêr.

De noite sobre o tombadilho do navio velleiro, já longe do céu em que vivera, elle ainda manda nas azas da ventania que assobia nas enxarcias um adens sandoso, um suspiro do fundo d'alma á terra que o vio nascer, abraçando-se á sua rabeca, a unica e inseparavel companheira de seus pezares e peregrinação.

Vai, pobre Giovanni, talvez uma outra estrella mais benigna te illumine a nova estrada e te melhore a sorte.

Deus protege os infelizes, Giovanni . . . ; vai, pois, aonde o destino te chama, aonde ten coração te leva.

Um dia havia festa na matriz.

Giovanni ahi estava no adro a espera que a cerimonia começasse. Não era o espirito religioso que ahi o levava ; era o amor á musica.

Filho do berço das artes, seu espirito, embora sem nenhum cultivo, se extasiava embalado nas harmonias de uma orchestra, ou nas divinas melodias de um canto suave e doce, irrompendo os ares em vozes seraphicas.

E' que a musica falla, une-se, consorcia-se mais ao coração do que ao espirito.

E Giovanni tinha o coração de poeta.

Não é sómente a fronte que afana-se e envelhece á banca do estudo, que sente n'alma encandecer-lhe a chamma ardente da poesia. Não !

A poesia não se define ; manifesta-se unicamente pelo enthusiasmo e adoração á Deus, e ao idéal do bello. O pobre campeiro na plenitude de sua rusticidade, á noite, inclinado á porta de sua choça humilde, fita os olhos na immensidade dos céos e sente n'alma um indisivel prazer que o extasia n'aquelle contemplação, e parece leval-o suavemente á outros mundos ignotos, que nunca seu espirito concebera.

N'esse momento elle é poeta e mais poeta talvez do que aquelle que vive em continuas vigílias, atado ao pesado cepo do estudo.

.....

Ainda Giovanni estava á porta do templo e seu olhar ora embestia-se no azul do firmamento, ora fitava indifferentemente a multidão que passava junto de si levada nas azas do orgulho e da riqueza.

De repente um anjo em todo o seu esplendor de belleza passou a seu lado, roçando a manga de seda perfumosa no braço aventureiro.

Aquelle contacto rapido produzira no pobre expatriado uma emoção violenta.

Quem o contemplasse n'esse instante diria que o seu corpo havia sido tocado por uma pilha de Leyde.

Elle seguiu-a, mas foi em vão.

A visão que recordava a belleza peregrina das languidas filhas da Italia havia-se confundido no meio da multidão curiosa e pouco religiosa que enchia o templo.

Quando a festa terminou, Giovanni collocou-se ao lado da escadaria, esperando vêr passar a imagem divina que elle vira surgir n'um rapido momento á luz de seus olhos, como em noites de febre encantadas aparições.

Foi de balde, elle não a vio mais; porém sua imagem já vivia gravada em seu espirito, como a encarnação sublime que a mão inspirada dá á rigidez do marmore.

Triste e pensativo passou o resto do dia o pobre veneziano.

A' noite elle abraçou-se á sua rabeça, a confidente de suas agonias, e foi-lhe pedir alegrias e consolações.

O arco resvallou sobre as cordas do instrumento desprendendo as harmonias da Casta Diva de Bellini, e dos seus olhos correrão duas lagrimas pezadas sobre o rosto já sem o esmalte da mocidade perdido nas lutas do infortunio.

Porém de repente a rabeça emmudeceu.

Giovanni estava contrariado.

N'essa hora elle tornava-se exigente como nunca, com a sua pobre companheira.

Aquella musica agora não o satisfazia mais, e elle pedia vibrações novas, outras harmonias que exprimissem mais as emoções desconhecidas que agitavão sua alma n'esse dia, porém o instrumento tornava-se rebelde ás loucas exigencias d'aquella cabeça delirante.

De novo abraça-se á rabeça e o arco passa gemendo sobre as

cordas, como as ventanias entre as ramas entrançadas dos bosques cerrados.

A fronte de Giovanni mergulha-se em contrariedades e como um possesso arremessa a companheira de suas amarguras a um canto do seu humilde e despovoado aposento... A reflexão e a imagem negra da ingratidão passa-lhe de subito pela mente escaudada como o espectro da victima em noite de insomnia á cabeceira do homicida.

Giovanni precipita-se e abraça, com os olhos inundados de lagrimas e o coração cheio de arrependimento, a abandonada irmã de suas agonias, como o pai que lança-se aos braços do filho punido innocente.

Momentos depois o instrumento soluçava e o peito do infeliz exilado desabafava em soluços tambem a dôr immensa que tanto o magoava.

Pobre Giovanni! Pobre Giovanni!

M A I N O O U R O

(Continúa).

III

UN PAR UN GALLETAS DE O CASAL ALBERTAS

Os pais de Janico erão hois respeitaveis vellos de Moztaria muito fomentes á Deus e pastores devotos. A velha chamava-se Maria e era natural da provincia de Alentejo. Entre aquellas arvores rosadas, patilhas dos mares bravios do Sul, ella nascido, ali tinha sido educada ao tom do Alentejo bulgano de encontro á costa ardeosa, pela mão desvelada de sua mãe do extremo do Sul visto cortar a infancia brincando por entre os cômodos e tinha sentido os hoies de amor na moidade. A mãe e tocos capellania da povoação em que fôr baptizada, em que fixara a primeira communhão, tudo se parava sempre a mão Albertas. Ali pretendia comparecer em dia-mantelada, deitadas em seu caizão agalado, para receber pela ultima vez a benção do dom e honrado vigário do povoado. A velha almejava uma capellania, que realisada lhe seria de ineffavel consolação; ver ainda uma vez seu filho tolar, ha muitos

MÃI DO OURO

VIII

UM PAR DE GALHETAS OU O CASAL ALBERNAES

Os pais de Janjoca crão dois respeitaveis velhos de Mostardas muito tementes á Deus e bastante devotos.

A velha chamava-se Maria e era natural da provincia. Ali, entre aquellas areias rosadas, batidas dos mares bravios do Sul tinha nascido; ali tinha sido embalada ao tom do Atlantico bufando de encontro á costa arenosa, pela mão desvelada de uma mãe extremecida; ali tinha visto correr a infancia brincando por entre os cómoros, e tinha sentido os odôres do amor na mocidade. Na alva e tosca capellinha da povoação em que fôra baptisada, em que fizera a primeira communhão, unio-se para sempre a Simeão Albernaes.

Ahi pretendia comparecer um dia amortalhada, deitada em seu caixão agalado, para receber pela ultima vez a benção do bom e honrado vigario do povoado.

A velha alimentava uma esperanza, que realisada lhe seria de ineffavel consolação: vêr ainda uma vez seu filho João, ha muitos

annos ausente conchavado de peão n'uma estancia lá para as bandas do Piratiny.

Sabia por noticia vaga, que correra, que se achava casado e com filhos, tomando conta d'um posto n'uma grande fazenda de criação.

Depois d'este boato nunca mais ouviu fallar n'elle.

Simeão era um ilhéu, um dos primeiros colonos chegados á provincia nos fins do seculo findo. Viéra n'um carregamento que ao Rio Grande chegára. D'ahi desembarcada a carga, tomarão os fardos diversos rumos. Uns ficarão no Rio Grande, outros forão para S. Francisco de Paula; alguns entranharão-se pelo Camaquam e outros seguirão para o Povo Novo, Tahim e para diversos outros locaes.

Simeão foi dar em Mostardas por mal dos seus peccados. Quando Simeão surgiu no povoado, fazenda fresquinha ainda, derramou elle a alegria e o prazer entre os taciturnos e perseverantes mostardeiros. A encadernação da obra monumental, onde quer que ella apparecesse, era causa da hilaridade geral.

Os rapazes escarminhos, como todos os rapazes, paravão-se, pois era a primeira vez que vião um ilhéu e ilhéu da ultima factura, a contemplar o typo aprimorado que Albernaes ostentava.

Era o nosso heróe um machacaz bem regular, dotado de cumpridas pernas que, quando se abrião para caminhar, parecião um compasso em exercicio. Dois pés de toesa a laia de ancoras, capazes de esmagar pedras no calcar, mantinhão o navio em pé.

Essas patas enormes trazia-as mettidas em soccos manufacturados em além-mar, de sete baterias, como náos de alto espavento.

Conta-se que atirando elle na cabeça de uma vacca chacareira que lhe invadira a horta, um dos taes *tamanquinhos*, a misera sentira na testa o beijo bruto da taxiada balça terrestre e cahira soltando um ronco, e só despertára em sobresalto já lá na eternidade.

Albernaes usava calças e jalcoo de uma fazenda impenetravel côr de burrô, rija e dura como couro de jacaré, que parecia lona alcatroada.

Dizem que pilhando os rapazes, em occasião que elle trabalhava em mangas de camisa, de enxada na horta, o jalcoo pendurado em uma laranjeira da cerca, estabelecerão um tiroteio, começarão a arremessar bala sobre o redingote-jaquetão e esforçavão-se por fazer n'elle um crivo. As balas recocheteavão levantando pó, e perdião-se além. No fim d'algumas horas de fogo forão passar-lhe revista. Encontrarão-no em varios lugares chamuscado . . . furado . . . em nenhum sequer!

Outro indispensavel, que muito chiste lhe dava ao rosto largo

como uma bacia cavalgada por um nariz de venta cabelluda, comprido e espaçoso, era o illustre chapéo de Braga com abas sufficientes para abrigar do sol a umas doze pessoas.

O nosso heróe foi sempre um homem honrado e burro como um animal. Ao inverso de alguns burros extremamente habeis na ladroeira, Simeão para isso não tinha quéda nem geito.

De que elle se gabava, tambem era o unico orgulho que tinha; era de sua força. Affirmava que com um murro desnucava um touro. A julgar pela grandeza e fortaleza das patas, ninguem d'isso podia duvidar, muito mais quando elle estendendo a mão imponente como Josué no campo de batalha, contra o sol, tapava-o totalmente.

Nos primeiros tempos de seu estabelecimento em Mostardas, tomou muita vaia e soffreu pezadas bregeiradas. Como elle era, porém, homem de bom humor — nunca cavaqueou. Nos primeiros tempos de seu estabelecimento os rapazes desfructavão em grande o bom ilhéu. Pregarão-lhe muito logro, armarão-lhe muito mundéo e fizerão-lhe muita judiaria. Os maiores desacatos forão commettidos contra o famoso factó que tornava Simeão mais invulneravel que o Achylles mythologico, — em quanto o seu chapéo de Braga vasto e largo, de abas estendidas ao infinito, cupula d'um templo onde a sua intelligencia empedrada se expandia como divindade d'essa cathedral monumental, supportava mudo e quedo as profanações maiores. Os proprios tamancos jogarão ao mar. Simeão não os perdeu, porque felizmente o Atlantico não teve forças bastante para carregal-os. Forão encontrados na praia encalhados na areia com meio costado fóra d'agua como dois chavecos que houvessem naufragado.

Quando os rapazes atirarão ao mar os dois chavecos, um vagalhão ergueu-os no dorso e virão-n'os por muito tempo fluctuando entre as espumas. A vaga dilatou-se e achatou-se de repente em um lençol branco como o leite; os chavecos sossobrarão, encallarão na areia, e o vagalhão gemendo fugio, esgueirou-se abandonando a carga. O mar, ferido pelos pregos grossos e grandes que lhe prendião a sola, recuou espavorido. Nunca mais se aproximou dos tamancos, que continuarão encalhados na areia.

Simeão soffria todas estas bregeiradas sereno, sem mostrar-se incommodado. Os rapazes vendo a placidez do ilhéu deixarão n'ó de mão.

Havia ali poucas quadras distante da igreja uma lavourasi-nha, cujo dono conclavou Simeão para trabalhar n'ella.

De factó ninguem mais activo do que elle. Quando o sol nascia já encontrava Simeão em mangas de camisa, com o jaleco pendurado a uma moita, a cavar o chão. Ao meio dia depunha a enxada e descansava uma hora á sombra de uma figueira da

cerca. A' boquinha da noite vião no vir subindo a ladeira da lavoura de enxada ao hombro em busca da casa.

Seu patrão era um brutamonte, conhecido por Quincas Pelludo.

Simeão guardava os instrumentos de trabalho no quarto e vinha assentar-se sobre a raiz muscurosa d'um umbú fronteiro á porta. Dentro em pouco estava com elle o Quincas Pelludo. Encetavão conversa sobre as plantações e prolongavão-na tarde até que o patrão aborrecido ou já com somno, dava ao ilhéu licença de ir dormir. Isto sem interrupção repetia-se todas as noites.

Simeão era trabalhador e economico, o que não escapou ao Pelludo, que o ia ananuciando para dal-o á Marueas.

Que optima aquisição!

O ilhéu gastava apenas durante a semana quatro vintens ao domingo. Nesse dia, de manhã cedo, tocava-se para a venda e só voltava á tarde para casa.

Por lá encontrava alguns trabalhadores conhecidos com quem travára camaradagem e com elles comia.

Antes de pôr-se á caminho de volta do passeio, passava pela venda do Juca Estreito. Era a occasião de pagar a contribuição. Quatro vintens ficavão depositados no balcão.

Albernaes era em extremo sobrio. Gabava-se, e com razão, de que depois que estava no *Vrazil jamais habia veido binho*. Contentava-se *co'a aiagua*.

El mettia no bucho a *aiagua-ardente* do Juca Estreito, que nem por ser *ardente* deixava de ser *aiagua*.

Quando de volta para a casa trazendo no bucho a *aiagua* do Juca Estreito e na cabeça os seus vapores, vinha de longe annunciando a sua aproximação como berreiro infernal que atroava n'aquella estrada. O homem então lembrava-se da terra; da sua aldeiasinha do Fayal sumido entre as vinhas e castanheiras viçosas, recordava-se do pai, da mãe, dos irmãos peçurruchos, de sua infancia... e delirava...

Ora gemia, chorava, soltava grunhidos, ora cantava todo o seu repertorio de canções patrias em uma linguagem barbaresca, estranha aos bons mostardeiros, quasi incomprehensivel, que elles julgavão algum dialecto do inferno. Os rapazes gostavão de ouvir aquellas cantigas, mas d'ellas não comprehendião pata-vina.

A' proporção que se ia enthusiasmando, Albernaes começava a dar com as mãos, com os pés, tomando posições extravagantes e grotescas e rematava por dançar em pleno terreno ao som de musica vocal propria a canna verde.

No intervallo de cada verso elle enchia as bochechas de ven-

to, esbugalhava os olhos, e soltava um fungado — hum ! hum ! meio suffocado :

Ai ! caina berde !... berde caininha,

Ida roda du bapoire !...

Inda vem não instou caisado,

Já dizem qui lias de seire meu amoire !...

E requebrava-se, pinoteava vertiginosamente, quasi em delirio abraçado á cutia que se lhe afigurava alguma Maria ou The-reza lá da terra.

Encostava á cabeça do cacete a beizola grossa e parecia que- rer comel-a a beijos.

Depois de muito redopiar, afogueado, lavado em suor, cheio de fadiga e cansaço, extenuado, debaixo de applausós geraes cahio de encontro ao chão como uma cousa morta.

Era pouco roncava estrepitosamente. D'ahi removião-n'o pa- ra o quarto sem que elle por isso interrompesse o somno e só des- pertava no dia seguinte.

O sol ao nascer encontrava-o sempre já a pé trabalhando na lavoura.

Um homem n'estas condições satisfazia muito ao Quincas Pel- ludo, que bem aquilatava as boas qualidades que possuia Alber- naes. Tratou logo da sua conquista. Levava o illéo aos serões da familia, fazia-o entabolar conversa com os filhos e buscava il-o afeitoando á sua Marucas. Um genero d'estes não era cousa de perder.

A Marucas que era feiarrona, que estava envelhecendo a olhos vistos, ameaçada de ficar para tia sem haver do matrimonio pro- vado o sagrado pomo, não encontrando homem que se prendesse aos seus feitiços salmitrões, começou a sirigatear com o illéo. Toda a vez que elle lhe passava pela porta da cosinha, ella lança- va-lhe dos seus grandes olhos esbugalhados cada ollhadella tão amavel, tão terna que lhe varava o coração.

Elle agradecido lhe tirava o chapéo e retribuia a sua ollhadel- la amorosa com o mais seductor sorriso que podia amauhar nos labios grossos e dilatados.

Viverão os dois namorados alguns mezes em completo idyllio.

De repente a marcha dos acontecimentos accelerou-se porém, e a troche-moche effectuou-se o casorio do elegante par.

A respeito conta-se o seguinte :

Era domingo.

A Marucas appareceu na porta da frente. Bispando-a Alber- naes, todo ancho foi passar-lhe ao pé. Marucas chamou-o. O

Maria; como passa bossuncé? — Bem. Não queres entrar? — O ilhéo descobriu-se e aproximou-se lampeiro: *Bão dia manina Maria; como passa bossuncé?* — Bem. Não queres entrar? — *Ovrigado. Estou vem. E a mãe como bai.* — Assim, assim, muito impertinente com os seus achaques do barriga. — *E o paisinho de bossuncé?* — Foi visitar o Sr. André. Estamos hoje sózinhos. E lança ao Simeão um olhar terno e provocante! tão cheio de volupia e de desejos, que pôz o terno coração do ilhéo a bater descompassado. Albernaes teve uma idéa qualquer, levantou a cabeça com entono, adiantou dois passos para a porta, mas subito recuou! . . .

O ilhéo estava vermelho como lacre, tremulo, francamente desconcertado. Penden o queixo sobre o cabo da cotia e pôz-se a escarvar o chão com a ponta do páo.

Por minutos durou completo silencio. Marucas contemplava com enlevo, quasi em extasis a figura salmistrona do ilhéo embatucado e indeciso

— Anda, Simeão, entra. — *P'ra que, sora Maria. Instou vem aqui.* — Entra burro! — *Intão com lichença.*

E entrou. . .

Após elles fechoi-se a porta.

.....

Esta scena foi espiada por escravos do Pelludo. Pouco depois estava divulgada e andava de bocca em bocca seguida de commentarios os mais estravagantes.

Dias depois estavam ligados pelos laços indissoluvéis do matrimonio estes illustres namorados.

De tão viçoso tronco foi Janjoca o rebentão.

Tambem o casal foi bananeira que deu cacho: nunca mais tornou a dar. Janjoca foi o primeiro e unico descendente de tão illustre estyrpe.

Debaixo dos carinhos de Marucas e dos safandões e sopapos de Simeão cresceu o trefego rapazinho.

A sua infancia como a de todos os outros em geral passou-se em continuas diabruras. N'aquelle visindario todo não havia pessoa que não tivesse d'elle uma queixa. A um havia enforcado o gordo gatasana, que por ser preto appellidava-se Velludo; a outro havia apedrejado, escondido por traz d'algun vallo; a centenares apouquentado com as suas travessuras

Algumas vezes o pai enfurecia-se e queria pregar uma tunda-mestra ao fedelho. Era occasião de intervir o avô, e Quincas Pelludo cobria o neto com a bandeira de misericordia.

Quando o rapazito fez oito annos, Simeão deu-lhe uma en-

xada e levou-o comsigo para a lavoura. Mas João não tinha quéda para cavar terra; achava muito preferivel o cavallo e a vida do campo.

O ilhéo não lhe reconhecia essa tendencia, nem aceitava-lhe a preferencia. A essa profissão chamava elle *profissão de badio* e teimava em conduzir comsigo o rapazinho para a lavoura. Jân-joca marralheiro e esquivo mal e porcamente lhe ia satisfazendo as vontades.

Quando podia escapulir-se, deixava o ilhéo e arranjava algum matungo. Lincarapitava-se n'elle e tocava-se a todo gallope, levantando nos horisontes poeira por ali além...

Assim passarão-se annos.

O ilhéo envelheceu enquanto o menino se fez homem. Jân-joca havia já completado desoito annos e não tinha ainda tomado gosto pela lavoura. Todas as suas inclinações erão para o cavallo.

Simeão não quebrantado ainda, antes tão forte e vigoroso como em sua mocidade, applicava-lhe de vez em quando alguma dóse de murros de escangalhar.

O rapaz que aborrecia a enxada, começou a odial-a que nem de longe a queria vêr. Reflectio sobre seus males, achou que soffria muito desaforo, que querião cada vez aperreal-o mais e resolveu rebellar-se.

Um dia desapareceu levando comsigo tudo o que tinha.

Abandonava para sempre o berço natal, levando o coração oppresso pelo desespero e a alma pela indignação.

Disse adeus ás mornas e pallidas regiões de Mostardas, e sumio-se.

Marucas com esta subita separação quasi estalou de dôr. Como mãi extremosa lamentou a perda do seu filho do coração, agoniou-se, exprobrou-se, egemeu sobre sua memoria como se já lh'o houvesse arrebatado a morte. Nunca mais em seu semblante estampou-se a alegria.

Emquanto a Albernaes, esse sentio mais o desaforo, o atrevimento do patife do que a separação. Para elle era um prejuizo material, um braço de menos no trabalho da lavoura e uma enxada de mais quebrada.

Por isso, quando Marucas o criminava pela perda do filho, por havel-o sempre tratado com tanto rigor e deshumanidade, elle sacudia desdenhosamente os hombros, soltava um muchocho ou então gritava-lhe com voz de trovão: Ora Senhora! não me incommode! e começava a gargantear algum trecho da *berde cainha*, sua canção favorita.

Desde esse dia estabeleceu-se o ressentimento no casal e os velhos ficarão de ponta:

— Aqui está muito calor, Marcas, vamos tomar o fresco á sombra do umbú.

— Aqui está muito bom. O que você quer mesmo é me levar p'ra lá, p'ra ir namorar essas sirigaitas que andão bisbillhoteandô pelas rotulas.

— Já pôz o filho perdido, expulsou-o de casa... Agora só falta...

— Ora com trinta mil diabos, senhora, não me embrome!

— Já vem com a lenga-lenga infernal. Não estou para atural-a, ouviu?

Assim levarão dois annos n'esta pendenga. O resentimento foi pouco a pouco amortecendo e por fim tornarão-se ás boas os dois conjuges, e voltarão a viver em paz sempre de acordo.

A velha começou a perdoar ao marido as tundas applicadas em Janjoca, e a achar que o rapaz tinha sido um turra endiabrado, um corneta, que abandonara tão facilmente e com tanta ingratição sua mãe que tanto o queria.

A' tarde, assentava-se com a sua almofada no collo, n'uma banquinha á porta, e perdia a vista ao longe nas sinuosidades da estrada, sempre esperançada de vêr a todo instante surgir Janjoca de volta aos lares.

Dias sobre dias se passavão e nada de novo occorria. Os annos seguião seu curso e o filho não voltava.

Marcas perdeu a esperanza de tornar a vê-lo; o desalento invalido-lhe a alma.

Um viajor trouxera ao Estreito uma noticia, que foi até Mostardas e chegou aos ouvidos da velha: Janjoca estava de posteiro n'uma estancia grande, lá para as bandas do Piratiny. Era já casado.

Passarão-se dois annos mais sem apparecer nenhuma outra noticia.

Uma vez a gatinha da velha, a festejada Preguiçosa, negra como velludo, que passava os dias estirada no balaio da costura de Marcas ganhou o mato e sumio-se...

A velha, notando o subito desaparecimento da sua mimosa, ficou mais acabrunhada, mais preocupada; de vez em quando resmungava phrases sem nexo, fazia exorcismos e ligeira e agil corria uma a uma as contas que marcavão no rosario os padrenossos e as ave-marias resadas.

Um dia estava ella dando de comer aos pintos no fundo da horta quando ouviu um miado triste e penetrante vir se aproximando pelo chilcal. Reconheceu a voz chorosa e sentida da sua Preguiçosa.

Começou a chamar por ella: bichim, Bichim, bichim.

A gatinha surgio da macega, desbarrigada, suja, magra, que

mettia dô. Marucas foi toda piedade, com a mão rugosa e descarnada amaciou-lhe o pello rapado e sem lustro, e chamando-a, levou-a até a porta da côsinha.

Um prato restante do jantar foi a refeição da desbarrigada gatinha, que lambeu-o completamente esfaimada. Depois soltou um uivo agudo e penetrante, deu um salto e desapareceu no chilcal.

A custo, agarrando-se ás portas, penetrou a velha na sala e assentou-se na cadeira de braços. Entredentes resmungava: é sina meu Deus! é um aviso dô céo, é a minha hora que chega! a morte veio visitar-me, sou eu quem parte!...

Por esse tempo chegou até ella noticia da morte de Janjoca. Marucas foi para cama e não se levantou mais.

No cemiterio da povoação, perdido entre as areias rosadas batidas dos mares bravios do Sul,ahi Marucas, a boa velhinha achou o repouso final.

Simcão não resistio ao golpe. Vinte dias depois abria-se uma cova para o inconsolavel esposo.

Repousavão para sempre, ao lado um do outro, na mesma terra da felicidade.

(Continúa).

VICTOR VALPIRO.

MULHERES +

COMEDIA EM 4 ACTOS

ACTO IV

O GABINETE MARAVILHOSO

Gabinete de Lobeira que mais assemelha-se a um laboratorio. No fuudo destaca um armario cheio de hervas; junto a elle um grande alambique, graes, matrazes, retortas, dois fogareiros, etc. Sobre uma mesa, no centro, diversos frascos de experiencias phycicas de todos os tamanhos, e funis de vidro. N'outra mesa á esquerda livros e papeis. Uma porta no fundo; janellas á esquerda; portas á direita

PERSONAGENS

PANURGIA.

PANCRACIA.

HENRIQUETA.

LOBEIRA.

LANDULPHO.

O DR. LELIO.

JOSÉ.

RATTAZANI.

SCENA I

Loheira só e pensativo junto á mesa da esquerda

LOB. — Hoje estou com a dyspnéa difficultosa... (*Tomando o pulso a si mesmo*) A pulsação é mais rápida, talvez fêbre... A pleura sente-se affectada, sinto uma pontada na região thoracica. (*Leva a mão ao coração*). Meu Deus, dá-me forças e coragem para supportar até o fim. Quem diria que só ha méz e meio, descobriria a existencia dos tuberculos! (*Pausa longa*). Restão felizmente as prevenções. (*Toca a campainha*) O extracto de guaco é um excellento medicamento. (*Entra um escravo*).

SCENA II

O mesmo e José

JOSE' — Senhor.

LOB. — José, lembras-te do tempo do cholera?

JOSE' — Sim, senhor.

LOB. — Sabes como se borrifava agua de Labarraque pelo soa-lho?

JOSE' — Sim, senhor.

LOB. (*tomando um frasquinho de sobre a mesa*) Pois bem, tu farás o mesmo com a essencia de guaco contida n'este vidrinho. Trez gottas n'um prato é quanto basta.

JOSE' — Oué, senhor, temos a peste?!

LOB. (*contristado*) — Peior que o cholera, que todas as epidemias do mundo, porque é uma doença de todo o tempo! Retira-te, José, manda-me o cosinheiro. (*José faz menção de retirar-se*) Espera, vem cá... Quando lavar-se a casa, põe na agua trez gottas. Entendeste?

JOSE' — Sim, senhor.

LOB. — Retira-te, manda-me o cosinheiro. (*José faz nova menção de sair*)... Espera. Chama uns pedreiros e pintores para caiar e pintar a casa, misturando na cal e nas tintas algumas gottas da essencia. Entendeste?

JOSE' — Sim, senhor.

LOB. — Retira-te... (*Igual movimento do escravo*) José, es-cuta, (*Toma um outro frasquinho*). Vai á casa da lavadeira, en-

traga-lhe este vidrinho e diz-lhe que, quando lavar-nos a roupa, deite trez gottas na agua. Entendeste?

JOSE' — Sim, senhor.

LOB. — Pódes ir; manda-me o cosinheiro. (*O escravo sahe*).

SCENA III

O mesmo e depois Rattazani

LOB. — Triste sorte que necessita de tantas precauções! Feliz quem as dispensa... (*O cosinheiro entra*).

RATT. — Mandou-me chamar Sr. Lobeira?

LOB. — Sim, Sr. Rattazani. O senhor de certo conhece os tuberculos pulmonares?

RATT. — Como? Que nome? Não, senhor, não conheço. E' algum legume? alguma fructa? alguma vianda?

LOB. — Ora, homem! Onde se vio comer tuberculos pulmonares!? (*Com asco*) Pub! Pub! coisa immunda! (*Com tristeza*) A phthisica, Sr. Rattazani, fallo da phthisica, esse mal incuravel, destruidor de raças inteiras...

RATT. — Então tem aquelle nome?

LOB. — Sim, o nome scientifico. O Sr. Rattazani tem o corpo predisposto a adquiril-a.

RATT. (*assustado*) Eu?! —

LOB. (*com ares magistraes*) — Que duvida?! O desenvolvimento corporeo entre os hombros é imperfeitissimo, em extremo limitado, por conseguinte o pulmão deve ser acanhado. Depois, a magreza, a côr propria das pessoas em quem o temperamento lymphatico domina, sim, não tenha receio, o senhor acaba phthisico.

RATT. — Meu Deus! Emfim eu tenho um remedio sauto que uzavão na Italia.

LOB. (*com interesse*) — Um remedio? Qual?

RATT. — Noz muscada, cravo e cognac de infusão. Isto salvou minha mãe.

LOB. (*Lobeira que tem tomado uma carteira, escrevendo*) — Noz muscada, cravo e cognac de infusão, não é? (*Rattazani faz um signal affirmativo*) Diz que salvou sua mãe? Em que estado?

RATT. — Feio! Horribilissimo! Já estava desenganada pelos medicos...

LOB. (*com um gesto de desprezo*) — Não me falle em medicos, homem... Charlatães e impostores, que, para conhecerem o

estado da enfermidade, esperão que os tuberculos rebentem, tornando impossivel a cura. Eu sentia-me affectado e os curandeiros officiaes dizião que era mania, scismas, apprehensões, força de imaginação, e não sei que outras delicadezas! Eu maniaco!? (Com tristeza) Antes fôra! porque não estaria esperando de dia para dia uma perfuração no parenchymo. . .

RATT. — Então será verdade? O senhor crê que eu acabe plitísico? As continuas constipações podem indicar?

LOB. (com emphase) — Phlegmacias reiteradas são tambem a causa. Mas eu tenho um remedio excellente.

RATT. — Qual?

LOB. (mostrando-lhe um frasquinho) — Vê? Eis a panacéa. Não ha como resistir-lhe, é um porréte. Mandei-o chamar, Sr. Rattazani, para pôr-me em cada prato uma gotta da essencia aqui contida.

RATT. — Uma especie de tempêro?

LOB. (impaciente) — Qual tempêro nem meio tempêro! Um preventivo, um medicamento. . . E desde já lhe recommendo que não quero maiservas, quaesquer legumes ou hortaliças na comida; desenvolvem a lymphá, que é tão propicia a doenças do peito. A carne venha á mesa sangrando como um *roast-beef*, cozinha á ingleza.

RATT. — Bem, farei o que ordena (tomando o vidrinho que Lobeira lhe entregá). Uma gotta em cada prato?

LOB. — Sim, uma, mas duas, trez ou quatro não fazem mal.

RATT. — Como tenho disposições, como o senhor disse, não podia tomar tambem algumas gottas n'um cópo d'agua?

LOB. (entregando-lhe um outro vidrinho) Pois não, tome, faça uso; porém em vez d'um cópo d'agua seja uma chicara de chocolate, chá de borragens, althéia, etc.

RATT. — Agradecido, agradecido. (Retira-se).

SCENA IV

Lobeira só

LOB. (tomando a carteira de notas, pensativo) — Infusão de cognac. . . noz muscada e cravo. . . Quem sabe a sublime combinação que ahí está occulta á sciencia? . . . A mãe de Rattazani fôra desenganada, sim; . . . ora, não se desengana senão no ultimo grão, isto é, quando a vida já é um impossivel; logo! . . . a infusão para conseguir semelhante resultado deve ser um pode-

roso e eficaz antidoto (*Pausa em que fica reconcentrado. Após instantes toca a campainha com força*). E' preciso fazer a experiencia. (*José entra*).

SCENA V

O mesmo e José

JOSÉ — Senhor.

LOB. — Vai depressa á botica do defunto Anacleto e traz-me 8 libras de noz muscada e 2 de cravo; de caminho passa pelo Belmiro e diz-lhe que me mande uma duzia de garrafas de cognac. Entendeste?

JOSÉ — Sim, senhor.

LOB. — Depressa. (*José sahe e Panurgia entra*).

SCENA VI

O mesmo e Panurgia

PANUR. — Manoel, que significação as ordens que acabaste de dar a José e ao cosinheiro. Tu que estás doente tens razão de tomar guaco até na comida, mas nós?...

LOB. — O' Panurgia, mulher, o que é remedio para mim, é precaução para os mais. O guaco previne...

PANUR. — E as despesas que ordenaste? Onde vamos n'este andar?! A casa toda foi caiada e pintada ha quinze dias e que-res nova caiação e novas pinturas. E' um gasto inutil, Manoel. Admitto que despendas com o que é relativo a teus incommodos. E' justo; porém assim não ha fortuna que resista.

LOB. (*com emphase*) — Perca-se tudo, salve-se a saude. O que eu faço, sei porque o faço e não admitto observações, Panurgia, minha mulher

PANUR. — Realmente não te comprehendo. Julgas que sem dinheiro, faremos bonita figura na sociedade? Estás mudado, Manoel. Outr'ora uma economia sem limites, hoje um desperdicio que mal concebe-se. Arrematas por quantias exorbitantes quanta herba medicinal ha em nossa terra, ás vezes mesmo sem

promessa proveitosa á tua enfermidade, e não satisfeito mandas vir ainda do México um carregamento de casca de anacahuita.

LOB. — O' Panurgia, fallás assim, porque não tens o maldito tuberculo! Se o tivesses afferrado como mutuca ao orgão da respiração, havias de envidar todos os esforços, buscar todos os recursos para destruil-o! O' nunca o tenhas! O tuberculo é um verme, vai pouco a pouco roendo as raizes da vida, e depois d'ella extincta ainda acompanha o cadáver á sepultura, e subsiste emquanto ha carnes a consumir. Não repares nos dispendios que faço, mulher; se não conseguir minha salvação, poderei servir com alguma descoberta aos que forem affectados de doença igual.

PANUR. — Bem, Manoel, não entristeças. Em parte tens razão. Hontem fallei com um medico que promette tua cura radical em pouco tempo.

LOB. (*m. de duvida*) — Um medico?! Não creio n'elles.

PANUR. — No entretanto elle cre que estás doente, mas em grão que facilita a cura.

LOB. (*alegre*) — Elle disse?

PANUR. — Pelas minhas informações asseverou-me.

LOB. (*intensa alegria*) — Ah! Emfim existe um homem de sciencia que não contesta os diagnosticos do mal que me lavrava o corpo! Fal-o chamar, Panurgia; quero ao menos ter uma conferencia com elle.

PANUR. — Desde hontem convidei-o. Logo vi te havia de ser grata a companhia de medico tão superior aos outros.

LOB. (*abraçando-a*) — Ah! minha Panurgia, agradecido.

SCENA VII

Os mesmos e José que entra com dois grossos volumes de noz muscada e cravo, e uma duzia de garrafas de cognac

LOB. — Compraste tudo?

JOSE' — Sim, senhor. Oito libras de noz muscada, duas de cravo e uma duzia de garrafas de cognac.

LOB. (*examinando as compras*) — Bem.

JOSE' — O mestre de pintura e o pedreiro estão lá em baixo.

LOB. (*correndo á porta*) — Vamos vê-los. (*Voltando*). Já esquecendo o guaco para as tintas e a cal. (*Toma dois vidros e sahe acompanhado de José*).

SCENA VIII

Panurgia e depois Henriqueta

PANUR. — Meu Deus! O estado de meu pobre Manoel vai de mal a peor! Mis o que mais me atormenta, quando lembro que não cumpri os deveres d'uma verdadeira esposa.

HENR. (*dentro*) — Minha mãe... minha mãe.

PANUR. — O que é, Henriqueta?

HENR. (*entrando*) — Minha mãe quer matar-me.

PANUR. — Eu, Henriqueta?

HENR. — Então não veio aqui para desfazer o casamento com Landulpho?

PANUR. — Não, filha; porém...

HENR. — Sim, advinho; mas eu hei de casar, eu quero, já disse...

PANUR. — Escuta, Henriqueta, não vês que procuras tua desgraça e a d'aquelle bom moço.

HENR. — Bom, aquelle atrevido?!

PANUR. — Sim, um moço honesto, ainda que pobre. Erraste, filha; és innocente, porquanto em tua idade competia a teus pais que te velassem; não queiras pois ajuntar a um erro um crime. Esquece Landulpho. Elle não será teu marido, porque o não quer...

HENR. (*atirando-se a uma cadeira, toda desfeita em prantos*) — Eu quero casar com Landulpho... eu... eu... hei de... Digo com meu pai... temos leis.

PANUR. (*acariciando-a*) — Filha, escuta a voz de tua consciencia... Em breve partiremos... Iremos ~~longe~~ longe e passarás por viuva...

HENR. (*erguendo-se irritada*) — Eu, viuva... não quero... não quero... Hei de casar com Landulpho (*Solucando*) Eu viuva?! meu Deus!

SCENA IX

As mesmas e Pancracia que entra assustada, esbaforida e atira-se sobre uma cadeira. Panurgia fica estacada. Henriqueta levanta-se sem mostrar de que acabava de chorar.

PANUR. — Que é isto, Pancracia?

PANC. (*offegante*) — Não sei... como... lhe conte... Ladrões!... ladrões!

PANUR. E HENR. — Como?

PANC. — Deixem-me descansar... Estou pondo a alma pela bocca... Nunca vi coisa igual!... A policia... os morcegos dormem... Sete horas... da noite... ainda dia... e já os malfetores... Hoje não é como nos outros tempos... Que differença! Ah! meus tempos! meus tempos! Não precisavamos de soldados, porque não havia maltrapilhos, maquetrefes e outros malvados... Também não havia as parteiras Quiteria e Anastacia... Isto é um castigo... Nossa Senhora nos livre de tantos males...

PANUR. — Não te comprehendemos, Paucracia. O que foi?

PANC. — Pois é um caso virgem, coisa abominavel, facto incrível! A's sete horas da noite! Quem diria! Ninguem imagina!... Deixei de sahir de noite por causa do que soffri nos *Peccados Mortaes*. Em breve não sahirei de dia. Eis o passo como foi. Vinha direito a aqui. Em frente da matriz, notei um vulto que seguia-me... Já fiquei desconfiada. A occasião faz o ladrão; por isso tomei a calçada da rua, para não achar-me a sós com o vulto em algum recanto. Então corria, não caminhava. De repente oigo o tal sujeitinho apressar a passada e gritar-me: — Pare, boa mulher, pare! Senti frio... Não corria mais, voava... E sempre a voz do tihoso: — Pare, boa mulher, pare! Ah! a cada instante estava vendo que elle me agarrava pela touca...

HENR. — Onde está a touca?

PANC. (*levando a mão á cabeça*) — Até perdi a touca! Que tempos! Que tempos!

SCENA X

As mesmas, Lobeira e o Dr. Lelio. (*Cumprimento-se*)

DR. (*com uma touca na mão, a Paucracia*) — Minha boa mulher, porque corria tanto?

PANC. — Ah! A minha touca! Então era o doutor?

DR. — Sim, cahio-lhe a touca em frente á igreja, apanhei-a e comecei a chamal-a, quando deitou a correr, não sei porque.

PANC. — Perdão... Ando tão desconfiada que supponho mal de todos.

LOB. (*á parte, ao doutor*) — E' uma mulher maniaca, em todos vê ladrões.

PANUR. (*á Henriqueta e Pancracia*) — Retiremo-nos. O dou-
vai examinar a Manoel. (*Ao doutor*) Com licença. V. Veja, dou-
tor, se apressa a cura. (*Sahem*).

SCENA XI

Lobeira e o Dr. Lelio

LOB. — Sentemo-nos, doutor.

DR. — Não, começo o exame em pé. (*Lobeira colloca-se ao
lado de Lelio. Este ausculta-o, bate sobre as regiões relativas aos
pulmões, fica pensativo por momentos, depois do que renova o exa-
me. A' parte*). É uma das perfeitissimas organizações que tenho
visto. (*Alto*) Podemos sentar-nos. (*Ambos sentão-se*).

LOB. (*ansioso*) — Então, doutor?

DR. — O senhor tem tido constipações repetidas!

LOB. — Não, doutor.

DR. — Nunca teve pleuriz?

LOB. — Não.

DR. — Pneumonia ou quaesquer doenças de estomago.

LOB. — Não, doutor. Entendo, reconhece o mal e quer pro-
curar a causa n'uma pleurizite, bronchite, gastrite, pneumonite
ou na frequencia de fleugmacias na membrana mucósa pulmõ-
nar? Nada, doutor. Eu creio que é de germen. Minha mãe e
duas irmãs foram suas victimas,

DR. — De germen? Não creia. Seria horrivel crêr-se que
ha creaturas destinadas a uma certa e determinada enfermidade.
Que ha predisposições corporeas, nãoerei eu quem as conteste,
mas predisposições que se combatem, modificão e destróem inte-
iramente por meio de exercicios, como a gymnastica e esgrima,
e outras condições de regimen hygienico. Em minha humilde
opinião não ha phtisica originaria, nem contagiosa. São meros
preconceitos.

LOB. — Tenho então os symptomas evidentes?

DR. — Necessito de mais algumas informações para tirar o
diagnostico.

LOB. — Póde perguntar, doutor?

DR. — Sente ligeiras dôres sobre a clavicula, isto é...?

LOB. (*interrompendo-o com presteza*) — Eu sei, eu sei, debar-
xo do braço. Sim, eu sinto, doutor.

DR. — Quando respira...?

LOB. — Incrível dispnéa!

DR. — Mas a respiração não é acompanhada de ligeiro ronquido que vem do interior do peito?

LOB. — Sempre... É certo.

DR. — O senhor tem pequenos tuberculos na parte superior dos pulmões... Com a causa é que não atino... Ah! Lembra-se de ter tomado alguma vez saes de mercurio!

LOB. — Talvez, doutor; não me lembra entretanto.

DR. — Os saes mercuriaes frequentemente provocão uma tosse sympathica que desenvolve a tubercularisação.

LOB. (*com profunda tristeza, abatido*) — Emfim é real minha doença! Não é, como dizião, scismas e imaginações! Eu bem creia, trago a morte no seio!

DR. — A morte? Dou-lhe a vida, Sr. Lobeira. Se fosse tratado em periodo mais adiantado, graves podião ser as consequencias; porém hoje?! Animo! Alguns cuidados e o senhor ainda virá a ter a longevidade dos antigos patriarchas.

LOB. (*abraçando-o com effusão*) — O' grande homem! Medico dos medicos! Que alegria trouceste a meu pobre coração?! Como sou feliz!... Doutor, não ha perigo? Não receia alguma perfuração que una o parenchyma á pleura, extravasando o pus tuberculoso?

DR. — Crê que se estivesse em tal estado, lhe fôra possivel abraçar-me com tanta força? Julga que eu lhe promettera a vida, encontrando-o quasi cadaver?

LOB. — E será longa a cura?

DR. — O senhor já se tem medicado?

LOB. — Sim, doutor, muitos remedios tenho tomado; comtudo só a essencia de guaco tem sido de benefica influencia... Poderei continuar a tomal-a?

DR. — Sim, e para complemento das precauções faça uma viagem para o norte ou a paizes em identicas condições climáticas. É simples a receita, não? Pois é quanto lhe basta para em dois mezes ficar completamente restabelecido.

LOB. (*nova explosão de alegria*) — Ah! O doutor é um grande homem! um portento de sciencia! Como falla convicto! Como tem fé em si! Estes, sim, são os verdadeiros medicos, os de boa estôfa! Como hei de recompensal-o?

DR. (*tomando o chapéo*) — Parta, e, quando vier curado, fallaremos do que exijo por meu trabalho. Adeus. Ainda virei vê-lo, antes de partir. (*Despedem-se*).

LOB. — Adeus, meu amigo, meu salvador...

SCENA XII

Lobelra só, medindo a sala com passos irregulares, movimentos entusiasticos, esfregando as mãos

LOB. — Grande homem!... Estou salvo! Que alegria! Que alegria! Já não caibo em mim de contente!... Rebento com seiscentos diabos!... Uff! Uff! Suffôco... (*Tira a gravata, desabotôa o colarinho*)... Enfim não é mais um sonho, é a mais bella de todas as affirmativas que tenho ouvido desde que nasci!... Grande medico! Admiravel! Soberbo! Gigante!... Que calor insupportavel!... (*Tira o casaco*)... E' preciso recompensar o grande homem, mais que o proprio Chernovis, que o Mello Moraes! Deu-me a vida... (*Tôca a campainha com força*).

SCENA XIII

O mesmo e José

LOB. — Ouviste, creoulo? Vai de pressa.

JOSÉ — Senhor.

LOB. — Ainda estás ali? O que fazes? Porque não corres?

JOSÉ — O senhor não chamou-me?

LOB. — Pois não ouviste?!

JOSÉ (*espantado*) — O que, senhor?

LOB. — Pois não ouviste?

JOSÉ — Não, senhor?

LOB. — Outra vez te tiro a surdez... Escuta... Vai ao ou-
rives Raphaél...

JOSÉ — O que fica na esquina da...

LOB. — Sim, sim, este mesmo... Diz-lhe que me prepare uma baixella de prata dos mais finos labores... Depressa... Que não attenda a preço... Depressa... (*José sahe*)

SCENA XIV

LOB. — Devo galardoar o merito... Salvou-me... E os outros que só tem de medicos o nome, a chamarem-me de maniaco, dizendo que era força de imaginação!? Ignorantes, mil vezes ignorantes! que só reconhecem o tuberculo depois de maduro e portanto incuravel... Estou ardendo, suando... Que calor faz hoje! (*Desabotão o collete*).

SCENA XV

O mesmo e Pancracia

PANC. (*entrando*) — Sr. Lobeira...

LOB. (*correndo a abraçá-la com insania*) — Ah! Panurgia, minha mulher! Panurgia! Que alegria! Estou salvo!

PANC. (*procurando desenhencilhar-se*) — Que homem! n'esta idade!...

LOB. (*reconhecendo o engano e soltando-a*) — Ah! Era a Sra. Pancracia! Perdão. O entusiasmo é tanto que nem já differença as physionomias... Estou livre de perigo, são e salvo... O grande homem, o medico dos medicos, restituiu me a vida.

PANC. — Hoje é dia de alegrias. Outro motivo de jubilo vai ter o Sr. Lobeira.

LOB. — Novo jubilo?!

PANC. — Sim, sentemo-nos. (*Senta-se*). Está lembrado da epocha em que partio para Portugal?

LOB. — Como se fosse agora.

PANC. — Então morava eu na rua de Bellas e visinhava comigo a familia de Valvedero. Lembra-se?

LOB. — Ah! bons tempos de rapaziadas! Como era formosa Manoelita? Como encheu me a vida de delicias?! Se lembro!?

PANC. — Isto mesmo. O senhor seduzio Mauoclitá, a boa menina, o anjo da casa dos Valvederos...

LOB. — Um erro! um erro que procurei em vão reparar, porém que tenho expiado cruelmente com os tuberculos.

PANC. — Manoelita, quando o senhor estava em Portugal,

deu á luz um menino. Pobre moça! morreu no mesmo dia, e a familia desesperada repellio a criança que não tinha culpa da falta dos pais.

LOB. — (*Extremamente admirado*) — Um menino?! E' impossivel! E' impossivel!

PANC. — Quando voltou, o senhor teve noticia dos Valvederos?

LOB. — E' verdade. O golpe era profundo, e elles forão ao longe esconder sua deshonra... E o menino? Onde está elle?

PANC. — O menino? Eu o criei. Só um poderoso acontecimento far-me-ia hoje revelar o segredo de sua existencia, quebrando juramentos que eu fizera á sua mãe.

LOB. — Onde está elle?! Tenho finalmente um herdeiro, o nome dos Lobeiras não se extingue. E' a suprema felicidade n'um só dia: minha cura e um filho. Deus é grande. Vou erguer-lhe um templo digno de sua gloria e de sua magnificencia. Onde está meu filho? Senhora, quero vê-lo immediatamente.

SCENA XVI

.0081

Os mesmos e Landulpho

PANC. (*chegando á porta que dá para o interior, faz um signal. Entra Landulpho e depois Panurgia e Henriqueta com pequeno intervallo*) — Ah! o tem, senhor.

LOB. — Elle? O meu genro?

PANC. (*ar solemne*) — O senhor queria forjar um casamento entre irmãos. Eu, embora quebre promessas sagradas, o impeço.

LOB. — Meu filho! (*Corre a abraçal-o*).

LAND. (*com ar atoleimado, fitando Pancracia*) — Meu pai, o senhor?

PANC. — E' verdade, abraça-o. (*Landulpho abraça-o*).

HENR. — E' mentira, meu pai... Não querem que eu case com Landulpho. E eu quero...

PANUR. (*á filha*) — Filha seria um crime. Espera e serás feliz. (*Á Lobeira*) Manoel, Landulpho é a prova de tua infidelidade, porém é teu filho, deixa que eu o estreite contra meu coração. (*Á Landulpho*) Vem, és nosso filho. (*Cinge-o com profunda emoção e o retém contra si por instantes*). Meu filho!

LOB. — O aceitas, Panurgia?! Que felicidade!

HENR. (*chorando*) — Isto tudo é uma comedia!

LAND. (*a Henriqueta*) — Minha irmã, se aquelle boticario vivesse, te juro que o esmagava em seus almofarizes... Miseravel!

PANGR. (*baixo á Pancracia*) — O' miuha boa Pancracia, como hei de compensar tantos favores e abnegação?

PANGR. (*apertando-lhe a mão*) — Dando por esposa a teu filho, a meu querido Landulpho, a menina Antonia.

LOB. (*affagando Henriqueta*) — Filha, vamos partir, a felicidade nos acena de outros mundos... Não chore... O que tu queres... é horrivel...

LAND. — Horrivel incêsto!

IRIEMA.

1869.

SCENA XVI

De Iriema e Landulpho

Iriema — Landulpho, o meu filho, o meu filho...
Landulpho — Mãe, que me quer?

Iriema — Meu filho, o meu filho...
Landulpho — Mãe, que me quer?
Iriema — Meu filho, o meu filho...
Landulpho — Mãe, que me quer?

MURMURIOS

A...

Tu, que ao piano desprendendo vozes
Ternas, velozes, pelo espaço além,
No lago argenteo do ideal deslizas,
Fallando ás brisas e ao luar também ;

Tu, que á ignotas regiões me elevas,
Despindo as trévas de um viver sem luz,
E que transformas o martyrio em flôres,
E em riso as dôres da mundana cruz ;

Tu, que me mostras as celestes plagas
Nas notas magas dos arpejos teus,
Quando parecees consagrar um hymno
Ao ser divino, que chamamos DEOS ;

Ouve meus versos ! As estrellas puras,
Que nas alturas refulgindo estão,
Ouvem das avés uma orchestra infinda,
Antes da vinda do solar clarão !

Ouve meus cantos ! Este sol de Agosto,
Que o nosso rosto illuminando vem,
Ouve os murmurios, que o regato entoa,
Quando se escôa da floresta além !

Ouve meus hymnos ! As mimosas flôres,
Que os seus olôres ás florestas dão,
Ouvem das auras os súbtis accordes
E os sons discordes, que passando vão !

Como traduzes a subtil linguagem,
Que a voz d'aragem balbucia á flôr !
Quantos mysterios de paixões extremas
N'esses poemas d'infinito amor !

Quanta harmonia n'essas notas vagas,
Com que me apagas impressões cruéis !
Quantos arcanos ! que subteis segredos
Sabem teus dedos traduzir feis !

Sinto minh'alma dilatar os seios
Aos teus gorgeios que suaves são...

Tremem de gozo de meu peito as fibras
Quando tu vibras juvenil canção!

Anjo, perdôa de minh'alma os threnos...
Mas ouve ao menos um desejo meu:
Quando envolver-me no funereo manto,
Oh! dá-me um canto do piano teu!

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre — 1873.

ESTATUA

Lidia es mimosa como branco lino,
Teu bello rosto só convida a amores,
Humidos labios que provocão beijos,
Gesto engraçado que produz ardores!

Negro cabello que tremula a brisa,
Olhos brilhantes que a yolupia excitão,
Pallida a face desmaiar parece,
Alvos os dentes que alabastro imitão!

Corpo flexivel, ondulante e nobre,
A voz sonôria que arrebatã, inflamma,
Fôrma divina que desvaira a mente,
Peito arquejante que suffoca a chamma...

Chamma? Enganei-me, que no peito della
E' frio gelo que se occulta em massa!
De corpo é bella como a deusa Venus
Mas da virtude se esgotou a taça...

Sabe illudir ao infeliz que cego
Pensa que amores só lhe guarda a sorte,
Sabe enganar-o n'um sorrir mentido,
Mas dentro d'alma lhe prepara a morte.

E, quando o sente já captivo e preso,
Louca escarnece d'esse amor sublime,
E o desgraçado a delirar na febre
Osculo ardente sobre os pés lh' imprime...

M. A. DA SILVA ALBUQUERQUE.

Porto Alegre — 1873.

AS DUAS NÁOS

Tristes! Inútils! Desolados!
 No bordado das
 Hattendo de racha em racha
 Corrido de lacha em lacha
 A! que agonia! que horror!
 A! que sentença! que horror!
 Dissipou-se a tempestade,
 Calou-se a voz do trovão,
 Muito longe sibilavão,
 As furias do aquilão;
 E pelos campos do céu
 Já fagueira passeava
 A lua que divagava
 Com seu palido clarão.

IX

Sem rumo as quilhas rolavão
 Por sobre as vagas do mar,
 Sem rearem por um fio
 Onde fossem se acostar.
 A bracedas como imãs,
 Que ao desabar
 Sentem em seus
 Inansa agonia
 Que levava o dia
 Vendo diante
 Medonha se
 Por onde tam
 Assim as
 Por sobre as
 A brisa mui mansamente
 Frisava a face do mar,
 Começarão as ondinas
 O seu travesso bailar;
 Socegado o Thor dormia
 N'uma auréola triumphante
 E seu carro retumbante
 N'outro hemispherio foi dar

X

A mandado que se acanta bella
 Favela em
 Surgio favela
 Entre uma
 E as flores
 O doce orvalho
 Depois o sol
 Favela a
 E boiando á tona d'agua
 Corpos sem vida jazião,
 Que o somno da eternidade
 Para sempre ali dormião...
 Depois de tantos esforços,
 Depois de tanta amargura,
 Encontrarão sepultura
 Lá onde as vagas bramião.

XI

Além se vião dois corpos
 Com fraca vida lutar,
 Nessa tão triste agonia
 Nesse tão negro penar!
 Pegados á fragil lenho,
 E de baldão á baldão
 Resayão com devoção
 Sem se poderem salvar.

Tristes ! lutavão sósinhos
No borborinho das aguas,
Batendo de rocha em rocha,
Correndo de fragua em fragua...
Ai ! que agonia ! que horror !
Ai ! que sentido lamento
Soltavão cheios de dôr
Nesse horroroso momento !
Erão as affrontas da morte,
Que já mostrava o seu norte.

XIII

Sem rumo as quilhas rolavão
Por sobre as vagas do mar,
Sem acharem porto amigo
Onde fossem se acostar ;
Abraçadas como irmãs,
Que ao desabar da tormenta,
Sentem em seus corações
Insana agonia lenta !
Que levão o dia a chorar,
Vendo diante seus olhos
Medonha senda de abrolhos
Por onde tem de trilhar,
Assim as quilhas andavão
Por sobre as vagas do mar...

XIV

A madrugada que se ostenta bella
Envolta em nuvens de rosadas côres,
Surgio festiva no alteroso espaço
Entre uma auréola de gentis fulgôres.

E as flôres meigãs recebião languês
O doce orvalho que cahia a flux,
Depois o sol com divinaes rebrilhos
Enchia a terra de brillante luz.

E pelos plainos do horisonte infindo
Um bando d'aves modulava amôres,
E o bardo triste na montanha erguido
Soltava carmes revelando dôres.

E' que elle via da montanha erguido
Destroços, ruias sobre a praia ter...
Em cada onda que beijava a areã
Mais um cadavêr vinha ali jazer !

Assim findou-se desditosa sorte
De aventureiros, que no mar de horrores,
Buscavão glorias, almejando hymnos
Eternas c'roas de immortaes fulgôres !..

AUGUSTO TOTTA.

— Emquanto proceio asphixiar a litteratura nascente de nossa terra por todos os meios, momentaneamente a dramatica, que, em tem de um lado a policia com um exercito de delegados para pro-nunciar o seu veto, ou de outro espirito pedones no governo, que por meios fins politicos não deseja, ver as formas mais po-pulares do pensamento expandirem-se e ampliam-se, esta-não licito lavar um voto de agradecimento ao deputado geral Dr. Carboxo de Meneses, que apresentou o projecto de creação de um theatro normal.

O theatro, que é uma forma expandida de publicidade pelas condições que lhe são particulares e simultaneamente uma esco-la de procos resultados, entre nos tentou mais vez, sempre, as minhas ataves de mil officas, porém sem parêdo de gloria foi ephemero e caminhou novamente no estremo nasal entre portu-guezes e parsiões de mais, e de menos, e de mais e de menos. Traduzir obras de arte, onde além do gosto, ha as bellezas os torneos de phrases, costumes e usos não são proprios de uma lingua, senão de uma nacionalidade, foi sempre em nossa humil-de opinião trabalho tão esteri, como impossivel de fazer o bem. Por isso, relativamente a este genero de litteratura, temos ver-

CHRONICA

Comecemos este trabalho registrando aqui o nome de um distincto rio-grandense que, ha longos annos distante do berço natalicio, acaba de provar que se não esquecer d'elle, e que se interessa sobre modo pelo engrandecimento intellectual de seus conterraneos. Fallamos do Sr. José Feliciano França que expontaneamente enviou ao *Parthenon Litterario* 126 volumes de obras em sua generalidade preciosas. Quasi desprotegidos, supperando dia á dia obstaculos incalculaveis para a realisação de um pensamento altamente patriotico, é agradável sentir estes amplexos fraternaes tão raros nos tempos que correm. A criação de uma bibliotheca no nosso gremio litterario não é uma idéa de hoje, é sem duvida aquillo que mais nos tem preocupado. Realisal-a, eis todo o nosso empenho. No meio, pois, da geral indifferença que lavra, o *Parthenon* envia o mais ardente voto de gratidão ao sympathico e patriota rio-grandense, que de tão longe enviou-lhe um sorriso de animação.

— Falleceu no Rio de Janeiro o erudito rio-grandense Dr. Joaquim Caetano dos Santos, autor do importantissimo trabalho que tem por titulo: *Oyapoc e Amazonas*.

Um distincto escriptor fallando d'esta obra, que vinha esclarecer a questão á tanto debatida entre a França e o Brazil, assim exprime-se: que ella valia mais do que exercitos.

Está o *Parthenon* tratando de obter os dados biographicos do

illustrado escriptor, e logo que vierem-nos ás mãos tão preciosos documentos, faremos a publicação da biographia.

— Enquanto procurão asphixiar a litteratura nascente de nossa terra por todos os meios, mórmente a dramatica, que, ou tem de um lado a policia com um exercito de beleguins para pronunciar o seu *veto*, ou do outro espiritos pequenos no governo, que por meros fins politicos não desejão vêr as fórmãs mais populares do pensamento expandirem-se e ampliarem-se, seja-nos licito lavar um voto de agradecimento ao deputado geral Dr. Cardozo de Menezes, que apresentou o projecto da creação de um theatro normal.

O theatro, que é uma fórmula esplendida de publicidade pelas condições que lhe são particulares, e simultaneamente uma escola de proficuos resultados, entre nós tentou uma vez romper caminho atravez de mil obices; porém seu periodo de glorias foi ephemero e caminhou novamente no systema usual entre portuguezes e brasileiros de macaquarmos a França em nosso palco.

Traduzir obras de arte, onde além do gosto, ha as bellezas, os torneios de phrases, costumes e uzos não só proprios de uma lingua, senão de uma nacionalidade, foi sempre em nossa humilde opinião trabalho tão esteril como impossivel de fazel-o bem. Por isso, relativamente a este genero de litteratura, temos vegetado ainda sob certo ponto de vista com as parasitas.

Trabalhar por conseguinte a favor d'elle, para levantá-lo e dar-lhe colorido, ao menos com alguns tons nacionaes, erguer o theatro n'uma epocha em que tudo se esphacela e promette desaparecer nas ondas de um cataclysmo geral, não é pequeno e insignificante titulo de gloria.

O *Parthenon Litterario*, avaliando o importante serviço que vai prestar á litteratura dramatica a realisação do projecto do Sr. Dr. Cardozo de Menezes, nomeou uma commissão para manifestar devidamente o seu voto de agradecimento ao illustre deputado.